

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?**  
**REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO**  
**8 de julho de 2024**

**DESASSOSSEGO / 2002**

*Um filme de Catarina Mourão*

*Realização: Catarina Mourão / Fotografia: João Ribeiro / Som: Armanda Carvalho / Montagem: Pedro Duarte / Músicas: “De spas sur la Neige”, “Suite Bergamesque”, Claude Debussy / Pós-produção Áudio: Tiago Matos/Concept Films / Produção: Laranja Azul, RTP, com a participação financeira do Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia e do Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura / Produção Executiva: Catarina Alves Costa / Direção de Produção: Rita Forjaz / Assistência de Produção: Rita Bonito / Participações: António Carlos, Manuel Pereira, Joaquina Pereira, António Costa, Joana Carvalhal, Miuxa Carvalhal, Fernando Pinto, Maria Conceição Pinto / Cópia: 35mm, a cores, falado em português / Duração: 75 minutos / Primeira Exibição Pública: 21 de dezembro de 2001 (Casa das Artes – Porto) / Estreia Comercial: 27 de maio de 2004, Cinema King, Lisboa, com Antestreia na Cinemateca Portuguesa no dia 28 de fevereiro de 2003.*

***A sessão tem lugar na Esplanada***

Com a presença de Catarina Mourão.

\*\*\*

A projeção de **Desassossego** é precedida pela exibição da curta-metragem **Turdus merula Linnaeus, 1758**, de João Pedro Rodrigues (“folha” distribuída em separado).

\*\*\*

A inquietação ou, mais propriamente, o *desassossego* destas personagens – num país a insinuar-se, titubeante, no novo milénio – resulta de uma pergunta: não tanto o que podemos fazer com o “amanhã” de uma mudança (de casa, de moeda [ainda estamos aqui em trânsito, entre o escudo e o euro] ou, como já disse, de milénio), mas quem “cuidará de nós” quando esse futuro chegar? É um filme desamparado, “por onde passam (...) alguns dos sinais mais angustiantes do País. Do seu passado e do seu futuro”, como notou João Mário Grilo na sua crónica publicada na revista *Visão*, «O filme do desassossego» (9 de junho de 2004). Um desamparo e uma melancolia projetadas num horizonte de abandono – não deixa de ser curioso que num filme onde se fala tanto de habitação, o sentimento geral seja o de que estas personagens, sobretudo a jovem rapariga “em mudança” e o transportador que joga o futuro na lotaria, estão algo sós, cansadas e pouco confiantes quanto ao futuro (deles e do país?). Mesmo os agentes imobiliários, na longa sequência inicial, que faz lembrar, inevitavelmente, uma das obras-primas maiores da história do cinema documental, **Salesman** (1969), dos irmãos

Maysles e de Charlotte Zwerin, parecem sinalizar uma espécie de pesarosa “rat race” de uma atividade imparável, que não pode contemplar férias para prosseguir e singrar, e que busca, às vezes desesperadamente, alguma dica que a mantenha à tona.

Vivendo nós, à data, uma grande crise ligada à habitação, podemos dizer que **Desassossego** nos chega, ao dia de hoje, eivado ainda mais dessa condição prenunciada e diagnosticada logo no título. Claro que, por outro lado, o filme também se apresenta cheio de vida e, inclusive, de humor. Das três histórias, correspondentes aos meses de julho, agosto e setembro, a primeira, dos agentes imobiliários, é a que mais de perto captura o lado castiço, o aprumo e a “lábria” das suas personagens, quer dizer, daqueles vendedores “100% profissionais”. A partir da segunda história, a da jovem mãe solteira, entramos de rompante na realidade mais concreta da mudança. Como escreveu Catarina Mourão na Folha de Sala de apresentação do filme, aquando da sua antestreia na Cinemateca Portuguesa, “uma mudança de casa é sempre uma situação única, não existe uma igual à outra: as casas são diferentes, as pessoas também, e as razões que levam a uma mudança são sempre muito pessoais, e por vezes complexas”. Sentimos o peso desta mudança de casa e de vida na jovem que tem a cargo um filho pequeno – a avó deste confia que, por vezes, mudamos de casa para nos distrairmos dos problemas da vida. A mudança surge, assim, também como uma forma de fuga, de reparação ou até de adiamento de um muito complexo problema pessoal. A história do transportador, o Sr. Pinto, fica reservada para o tempo da *rentrée* e para o desenlace do filme. Catarina Mourão brinca aqui, de maneira extremamente delicada, mas também “arrojada” (para retomar um termo usado por João Mário Grilo na citada crónica), com a progressão ou estrutura talvez mais esperada numa narrativa destas: em vez de desfechar na história da mãe, conclui o filme com a do transportador.

Em certo sentido, **Desassossego** termina com quem mais de perto a realizadora se poderá identificar, porque o melhor documentarista, esse mediador entre a realidade encontrada e o trabalho da sua arrumação em signos visuais e sonoros no grande ecrã, é como um grande *transportador* de histórias. Mourão é uma notável transportadora de histórias complexas e pessoais, como, aliás, já havia revelado em **A Dama de Chandor** (1998), uma espécie de **Grey Gardens** (1975), para voltar a citar um título da filmografia dos irmãos Maysles, situado na antiga Goa portuguesa e que, segundo José Manuel Costa, na respetiva Folha de Sala, representou “um salto importantíssimo para [o documentário nacional] começar a acertar o passo com a evolução do documentário moderno”. Mourão continuará a pôr em evidência essa sua arte da auscultação no decurso da sua obra, em “retratos” de pessoas tão fascinantes quanto Lourdes Castro (**Pelas sombras** [2010]), Ana Marchand (**Ana e Maurizio** [2020]), o seu próprio avô e mãe (**A toca do lobo** [2015]).

Para citar o título de um dos seus documentários, filmado em regime de alta proximidade com as pessoas nas ruas, durante o Europeu de futebol organizado em Portugal, Mourão sabe retratar as pessoas e as suas circunstâncias *à flor da pele* (não espanta que dois dos nomes mais fundamentais para situarmos a sensibilidade de Mourão no grande movimento do cinema documental sejam Heddy Honigmann e Eduardo Coutinho). Filmado assim, bem de perto, o Sr. Pinto afirma-se como o grande rosto-síntese de **Desassossego**, depois da tese e da antítese que são os (co-)protagonistas do processo de venda e de mudança de casa. É por ele e graças ao seu trabalho que se geram ou – para voltar ao verbo utilizado por João Mário Grilo – *passam* algumas das imagens mais significativas do filme, no momento em que a câmara descobre “a sua casa” numa carga

vazia do camião de mudanças. Desse “lugar privilegiado” a câmara torna-se um puro ativo-passivo, ao “ficar a ver” a cidade que passa atrás do camião (no cinema, as imagens também nos “atacam as costas”, vindas da cabine de projeção). A câmara assiste e faz-nos assistir ao desenrolar da vida “lá fora”, naquela cidade do Porto, em período de transformação (**Desassossego** foi produzido também no âmbito da iniciativa Porto, Capital Europeia da Cultura 2001), que é como quem diz: a um país no limiar de qualquer coisa. Quando os ares que se respiram são iniludivelmente os de mudança, é urgente apontar a câmara e consagrar, nessa resposta urgente, o momento mais decisivo para qualquer documentarista “filha de Lumière”: o de registar o tempo, o espaço e as pessoas para um dia serem de novo (novas, outra vez...) transportadas até nós, reatualizando o nosso desassossego (o velho desassossego luso...) frente à indeterminação do futuro.

Luís Mendonça